

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU

EM

CADERNOS

++++++
Sra. SIBYLA GROPP
Rua Itajaí, 737
89.015 - BLUMENAU
++++++

TOMO XXX

ABRIL DE 1989

Nº. 4

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Abril de 1989

N.º 4

SUMÁRIO

Página

A histórica construção de um poço	96
O novo governo do Município de Blumenau	98
O primeiro julgamento por crime em Blumenau	99
O cinquentenário do 23.º BI	100
Carnaval Alemão	103
Três partituras — 28.º livro de Marcos Konder Reis	110
O problema do alojamento de imigrantes que aportavam em Blumenau na década de 1880	111
Autores Catarinenses	112
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	115
1869-1989: 120 anos de imigração polonesa	118
Subsídios Históricos	119
Provisão de criação da Paróquia de São Paulo Apóstolo	122
Natal Folclórico	125

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00
Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

A histórica construção de um poço

Um documento encontrado dentro de um recipiente de vidro, colocado por ocasião da inauguração de um poço, relata fatos interessantes, vinculados ao serviço de pacificação dos índios. Eduardo de Lima e Silva fez o relato e o documento é assinado por outras pessoas. Eis o texto do importante documento:

"Posto Duque de Caxias, 3 de dezembro de 1932. — Se bem que do morro em rente, desça pela gróta e por duas outras nascentes, (localizadas uma de cada lado da referida gróta), água potável em quantidade suficiente para todo o gasto da casa durante as grandes secas que, não todos os anos acontece, mas de tempos em tempos — aqui se verificam, notadamente, nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro o fenômeno e chega a haver grande escassês de água. Conta-se, então, com o recurso do rio.

Daí a necessidade de abrir um poço. Primitivamente, foi feito um, na base do morro em frente, bem diante da casa, e que foi escavado todo em pedra, e, com a profundidade de oito metros. Mais tarde, com o prolongamento da estrada de rodagem, que aqui

terminava, e que devia ser construída até à sede deste Posto, ficou anulado o poço em questão. Passando por ali o novo traçado da citada rodovia, foi, sem mais nem menos, aterrado completamente o citado poço, que tanto custara a fazer.

Não se podia passar sem boa e bastante água, durante a canícula. Ficou, pois, de novo assentada a construção de um outro poço. Foi escolhido este lugar, na fagueira ilusão de que, a quatro — máximo seis metros — encontraríamos o precioso líquido, na quantidade precisa. E, assim, em princípios de janeiro do ano de 1931, foi, aqui, atacado o serviço.

Para que encontrássemos a linfa, tivemos que perfurar a rocha até a profundidade de vinte e dois metros. As grandes cargas de explosivos (dinamite) que eram empregadas, bem pouco material destacavam de cada vez. Tornava-se, indispensável, cortar a custo de ponteiro, a pedra, que golpe por golpe, soltava uma pequena lasca. As despesas, foram avultadas. Um verdadeiro trabalho de galés, moroso e penosíssimo. Executou-o o cidadão de nacionalidade alemã, Richard Vestewig, o qual, cá de cima do poço, era servido pelo seu concidadão e companheiro Fritz Mewes e dois jovens índios, da tribo botocuda, por mim pacificados em 22 de setembro de 1914.

Enquanto isto se fazia, o mestre-pedreiro, alemão, Hermann Sander, auxiliado por seu filho de nome Ricardo, aprontavam e lavravam as pedras para o revestimento interno deste poço.

Logo depois de constatada a e-

xistência de ótima água, que, em quantidade demasiada até, brotava de um furo de broca, deu-se início aos trabalhos de revestimento, que foi executado pelos quatro operários citados.

A coluna de água, dentro deste poço, chegou a atingir a altura (máxima verificada) de dezesseis metros! Ultimamente, em novembro próximo findo, (1932), media a coluna onze metros.

Por motivos independentes de nossa vontade, apesar de estarem inteiramente prontas as pedras e tudo o mais, ficou interrompido o serviço, deixando-se de colocar estes últimos anéis superiores. Só hoje, sábado, dia três (3) de dezembro de 1932, pelo mestre-pedreiro Hermann Sander e seu filho Ricardo Sander, foram definitivamente assentadas estas últimas pedras.

A distância atual desta borda (do lado interno do poço) até o paredão natural de pedra, base do morro e lado de cima da estrada de rodagem, em linha reta, mediu exatamente vinte e cinco metros (25 metros).

Da borda oposta, também do lado interno, por cima do terreno, como está, linha reta, até tocar a superfície da água do rio, mediu cinquenta e nove metros e cinquenta centímetros (59,50).

Da parte de cima (face superior) da pedra, que traz a inscrição — **E. L. S. H. 1931 — H. Sander, fecit.**, ao leito do rio — exatamente no lugar mais profundo — treze metros e trinta e oito centímetros (13,38 cms.). Isto prova ser este poço, oito metros e sessenta e dois centímetros (8,62 cms.) mais fundo que o leito do rio, aqui em frente, a este poço. (As sondagens do rio, foram fei-

tas em um raio de vinte (20) metros).

Encerrando, com toda solenidade (!) estes informes, declaramos que, infelizmente, por se acharem ausentes, deixam de assinar o presente documento os quatro operários citados. tewig e Fritz Mewes.

Atestando a veracidade de todas as informações supra, passaram a assinar: o mestre-pedreiro Hermann Sander, o servente de pedreiro Ricardo Sander, que completaram a obra em apreço, e eu, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, que datilografei este documento.

Lar de Francisca, Pedras Grandes, Posto Duque de Caxias, Distrito de Hammônia, município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, Brasil, aos três dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e trinta e dois. (3-XII-1932).

Assinados: Hermann Sander, maurermeister — Ricardo Sander, servente — Eduardo de Lima e Silva Hoerhan.

P. S. — Coloquei, também, junto a este documento, algumas pontas de flechas, feitas de pedra. Estas pontas de flechas, foram usadas antigamente, pelos avós dos índios que aqui pacifiquei em setembro de 1914. Estes, usavam (e usam ainda hoje) pontas de madeira, para caça e de ferro (roubado dos brancos) para caça grossa e guerra. Junto ainda diversos botóques (na língua dos índios, "ngrócôzü") são de nó de pinheiro, a araucária, ou de osso; pequenos e grandes, de velhos e de jovens. Duas "faquinhas", com que se perfuram os lábios inferiores dos meninos, pa-

ra pôr o "ngrócôzü". (NGRÓCÔ-ZÜ é o distintivo dos guerreiros desta Tribu). Daí, fizeram os portugueses o nome "Botocudo", isto é, aquele que usa BOTOQUE, no beijo.

No demais, desejamos, de todo coração, que, ao ser aberto por mãos humanas este vidro, a vida seja melhor para o animal que a si próprio deu o nome de

"Homo Sapiens". A época que atravessamos, atualmente, é o que se pode chamar de ruim. O que se ouve, é falar na "Crise", na falta de dinheiro, de trabalho, de lucros, etc. Uma lástima. Cordialmente, saúda ao abridor deste vidro o EDUARDO DE LIMA E SILVA HOERHAN — e FILOMENA MANGCONÁN, nata Grava".

O novo governo do Município de Blumenau

Por Frederico Kilian

Nas eleições municipais, realizadas a 15 de Novembro de 1988, em 413 seções eleitorais, onde compareceram e votaram 111.272 eleitores dos 117.422 inscritos no Município de Blumenau, foram eleitos para os cargos de Prefeito e Vice-Prefeito, entre os 7 candidatos registrados, os candidatos da coligação dos partidos PDS - PFL-PL, com 51.875 votos, respectivamente: para Prefeito: Vilson Pedro Kleinubing e, Vice-Prefeito: Victor Fernando Sasse. Empossados estes dois, a 1.º de Janeiro de 1989 para um período de 4 anos, foram nomeados, pelo novo Prefeito e tomaram posse, como auxiliares diretos, para formarem o Quadro do Executivo Municipal, os seguintes secretários e seus colaboradores a seguir relacionados:

I — Chefe do Gabinete: Ademar Lingner; II — Assessor de Comunicação Social: Marcelo A. M. Rego; III — Assessor de Imprensa: Mário Eugênio Binder; IV — Assessor Jurídico: Mécio Felsky; V — Secretário de Planejamento: Dr. Paulo Gouvêa da Costa, tendo nessa Secretaria os seguintes diretores: Diretor do Departamento de Programação e Controle: Leandro Vic-

tor Bona; Diretor do Departamento de Estudos e Projetos: Inácio Volles; VI — Secretário de Turismo: Manfredo Bubeck e nessa Secretaria como Diretor de Cultura: Frank Graf e Diretor do Turismo: Ricardo Stodieck, pertencendo ainda a esta secretaria um Conselho Municipal de Cultura, composto de 15 membros, indicados pelas Entidades Artísticas e Culturais deste Município. VII — Para Secretário de Desenvolvimento Econômico e Presidente da Cia. de Urbanização de Blumenau, foi nomeado o Sr. Décio Antônio Moser; VIII — A Secretaria de Finanças ficou a cargo do Vice-Prefeito, Victor Fernando Sasse, tendo como Diretor do Departamento de Receita o Sr. Hamilton Rodrigues; IX — Para Secretário de Administração foi nomeado Caetano Deeke de Figueiredo e como Diretor de Pessoal nesta Secretaria, Rogério Fiuza Lima; X — Para Secretário da Defesa Civil foi nomeado o Coronel Antonio Barreto e Assessor do Meio Ambiente: Leandro Victor Bona. XI — A Secretaria de Saúde tem como titular o Dr. Newton José Martins Mota e Diretor de Saúde, Dr. Ricardo Schwanke Filho e Diretor de Bem Es-

tar, Dra. Regina Pinto Casas; XII — Secretário de Obras, Dr. Luiz Carlos Klitzske e Diretor de Obras, Edson Francisco Brunfeld; XIII — Secretária de Expediente: Maria Julia Luz Fischer. XIV — Secretária de Educação é a Professora Dinorah Krieger Gonçalves; Diretor do Departamento de Ensino: Onilva Salete de Amorim e XV — Presidente do Samae: Carlos Wachholz.

Para a Câmara Municipal, composta de 21 vereadores, concorreram à eleição 11 partidos registrados, que conquistaram 103.909 votos, assim distribuídos: Coligação PMDB/PDC: 34.744 votos; Coligação PFL/PL: 28.209 votos; PDS: 16.743 votos; PSDB: 12.166 votos; Coligação PT/PV: 4.050 votos; PTB: 3.987 votos; PDT: 2.413 votos e PCB: 1.554 votos.

Em face dos votos recebidos por cada partido, as 21 cadeiras de vereadores da Câmara Municipal foram assim distribuídas: PMDB: 8 cadeiras; PDS: 4 cadeiras; e PL, PSDB e PFL: cada um destes partidos ficaram com 3

cadeiras, ficando a Câmara Municipal assim constituída: Vereadores do PMDB: Djalma Jansen, José Anolácio Biz, Márcio Cezar Cani, Moacir Luiz Tobias, Oscar Rautenberg, Osni Lenzi, Rodolfo Sestren e Yara Luef. Do PDS: Frederico Dix, Lio Ogê Gaya Junior, Milton Pompeu da Costa Ribeiro e Salézio Stahelin. Do PL: Amauri Cadore, Hasso Rolf Mueller, e Nestor Silvio Winzewski. Do PFL: Braz Roncaglio, Lourenço Schreiber e Wilson Gomes Santiago. Do PSDB: Arlindo Antônio Franceschi, Norberto Mette e Reinaldo de Lima Souza. — Estes vereadores, em sua primeira reunião, elegeram a sua mesa, que ficou assim constituída: Presidente: Hasso Rolf Mueller. Vice-Presidente: Osni José Lenzi; 1º. Secretário: Oscar Rautenberg e 2º. Secretário: José Anolácio Biz. Esta Câmara agirá também como Constituinte, para elaborar, no prazo fixado na Constituição Federal a sua Lei Orgânica, o que, provavelmente só ocorrerá após a promulgação da Constituição do Estado.

O primeiro julgamento por crime em Blumenau

O jornal "Blumenauer Zeitung", edição de sábado, dia 18 de setembro de 1883, noticia que estava marcada a sessão do júri para julgamento de um réu. Eis o texto da notícia: "No dia 27 do corrente mês, acontecerá o primeiro julgamento em Blumenau e os jurados, cujos nomes nunca foram até aqui divulgados, como noutras cidades, onde circulam jornais, hoje são divulgados, como segue: Srs. Ernst Härtel, Otto Stutzer, H. Carlos Watson, Heinrich Koechler, Leopold Haeschl, Dr. Fritz Müller, Dr. W. Eberhardt, Heinrich Froener e L. Sachtleben. De Gaspar: Peter Schmidt, Jacob J. Zimmermann, José H. Flores Filho, José Joaquim Gomes, Bernhardt Haenchen, Fr. G. Deschamps, J. Hostin, A. Schmidt, P. Bornhausen, Fr. Goerdler, H. Martendhal e Agostinho da Silva Flores". — A notícia não declina o nome do réu a ser julgado.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

O Cinquentenário do 23º. BI

Sueli M. V. Petry

Grandes eventos como este merecem ser comemorados condignamente por toda a população blumenauense. A passagem do cinquentenário do 23 BI, vem representar acima de tudo, cinquenta anos de colaboração e integração no processo de desenvolvimento político, econômico e cultural do Município.

Para que haja melhor compreensão deste envolvimento, se faz necessário retroceder à segunda metade do século XIX, quando aqui se estabeleceram os primeiros núcleos de colonização alemã liderado pelo Dr. Hermann B. O. Blumenau. "A incipiente Colônia" fundada em 1850, com apenas 15 anos de atividade, movida pelo espírito de brasilidade atendeu o apelo do Imperador D. Pedro II para a formação do Batalhão de "Voluntários da Pátria". O Brasil estava sob a ameaça do Paraguai. Em defesa da nova pátria foram se juntar ao Corpo de Voluntários, 77 imigrantes de Blumenau. Este número era apreciável pelo reduzido número de habitantes da Colônia. Entre os voluntários figuravam 5 oficiais: Capitão Victor von Gilsa, Tenente Emil Odebrecht, Alferes Guido Seckendorf e Julius Sametzki e o Alferes cirurgião Wilhelm Friedenreich. Muitos voluntários deste contingente de Blumenau morreram no campo de batalha.

Em cada uma das páginas de sua história tem Blumenau, motivos de reconhecimento pela colaboração que sempre lhe deram as unidades do Exército Brasilei-

ro que aqui estiveram acontecidas. Em 1909, Blumenau teve contato com uma unidade do Exército por ocasião da reorganização da defesa nacional iniciada pelo Ministro da Guerra General Hermes da Fonseca. Nesta época foi enviado para Blumenau o 55º. Batalhão de Caçadores. Na ocasião 27 jovens da sociedade blumenauense se alistaram como voluntários de manobras constituindo-se nos primeiros reservistas da região.

Instalados num galpão onde hoje está edificado o Hotel Rex, este Batalhão esteve sob o Comando do Coronel Crispim Ferreira. Os relevantes serviços prestados por esta unidade se destacou no processo de adaptação dos blumenauenses aos usos, costumes e língua pátria. Foi este Coronel o responsável pela impressão do primeiro jornal blumenauense, totalmente redigido em Português. Em 1910 o BC foi transferido para o Rio de Janeiro.

Com a obrigatoriedade do serviço militar e a eclosão da primeira Guerra Mundial muitos blumenauenses serviram em diversas unidades do Exército no Paraná e Santa Catarina.

Durante a Campanha do Contestado havia uma ameaça de invasão dos fanáticos à região do Vale. Veio em 1914, o 58º. Batalhão de Caçadores (RJ) com destino àquela região de conflito que esteve acontecida em Blumenau para depois seguir de trem da EFSC com destino ao Alto Vale.

No ano de 1921, outra guarni-

ção que esteve aquartelada em Blumenau na Sociedade do Atiradores (hoje Tabajaras Tênis Clube) foi a 18ª. Companhia de Metralhadoras Pesadas. Transferiu-se mais tarde para o Hotel Pauli (atual Casas Pernambucanas).

Em 1924, comandados pelo Capitão Tomé Rodrigues estacionou em Blumenau a 9ª. Companhia de Metralhadora do Regimento de Infantaria. Sua permanência foi até o ano de 1928, quando esta Companhia passou a integrar um Batalhão do Rio G. do Sul.

Vale ainda destacar a atuação do TIPO DE GUERRA em Blumenau. Eram escolas de prática militar que vinham cobrir as necessidades de formação dos reservistas da região. Eram reconhecidas pelo Governo e os exames de aprovação dos mesmos eram feitos por oficiais do Exército. O Tiro de Guerra 475 foi fundado em Blumenau em 1917. Sua prática de tiro era realizada em stands na região do Garcia. Anos mais tarde este Tiro de Guerra foi instalado no Colégio Santo Antônio e era destinado mais especialmente para os seus alunos (1927).

Na década dos anos trinta, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e com a criação do Estado Novo, o espírito nacionalista recrudescer. O mundo político internacional e seus reflexos nas povoações de origem estrangeira, principalmente alemã preocuparam as autoridades brasileiras. O Governo passou a desenvolver uma intensa Campanha Nacionalizadora nestas regiões. É dentro deste espírito que foi organizado em Valença (RJ) no mês de janeiro de 1939, o 32º. Batalhão de Caçadores. Estabelecido

provisoriamente naquela cidade, aguardava a conclusão do seu aquartelamento em Blumenau.

O deslocamento iniciou em começo de abril e a chegada à Blumenau ocorreu em 11 daquele mês. Festivamente recebido pela população e autoridades, o 32º. BC instalou-se provisoriamente nas dependências da Sociedade de Atiradores Blumenau (hoje Tabajaras Tênis Club) e Sociedade de Ginastas cujo prédio ainda hoje existe e faz parte do patrimônio do Colégio D. Pedro II. Seguindo o princípio de bem servir a comunidade esta corporação logo integrou-se na vida social blumenauenses.

No seu objetivo de solução do problema de nacionalização, soube desempenhar o seu papel. A instalação desta unidade Militar veio auxiliar e modificar a problemática na área educacional. As escolas de ensino alemão foram fechadas. A abertura de escolas de ensino na língua portuguesa veio beneficiar os que ingressavam nas fileiras do batalhão. O número de conscritos que mal falavam a língua pátria recebiam instrução adequada através de uma Escola Regimental para os praças. Com os professores e escolas houve uma íntima colaboração de aproximação entre escolares e o quartel proporcionando desta forma maior compreensão dos deveres cívicos e do papel desempenhado pelo soldado em defesa da Pátria.

Visando o desenvolvimento de Blumenau e região a integração do 32º. BC junto a comunidade e demonstrado de várias formas.

Em 1940, prestou relevantes serviços a Blumenau e região

quando foram colocados a disposição das autoridades civis e empresas particulares para executarem os trabalhos de vacinação anti-tífica que representava na época uma ameaça epidêmica de febre tifóide. Foram também destacados dois pelotões para os trabalhos de desmatamento da região para o combate da Malária.

Com o deflagrar da II Guerra Mundial o Batalhão enviou a sua parcela de colaboração com o envio de soldados filhos de Blumenau e região do Vale do Itajaí que participaram da Força Expedicionária Brasileira. Cumpriu também sua missão de segurança do litoral catarinense (Barra Velha-Porto Belo).

Em todo o decorrer da sua história nestes cinquenta anos de existência, o 23º. BI (ou 32º. BC) sofreu seguidas reestruturações e sucessivas denominações. Segundo o livro de Registro Histórico da Unidade tem a seguinte passagem: "A 31 de janeiro de 1949, o 32º. BC foi transformado em 1º./23º. Regimento de Infantaria tomando nova organização e assim ficou encerrada a vida tradicional do 32º. BC, cuja missão gloriosa fazendo valer os direitos do Brasil nestas paragens, jamais será esquecido pelos brasileiros sinceros, mesmo porque o 1º./23º. RI seu continuador saberá honrar o trabalho edificante de todos que integraram aquela unidade".

O 23º. BI está perfeitamente integrado à comunidade local e regional. As festas cívicas e comemorações patrióticas que se realizam sempre contam com a presença do Batalhão, quer fazendo parte de desfile nas ruas, quer realizando palestras, conferências sobre assuntos que se es-

tendem a sua área de ação.

O "Sentinela do Vale" como é denominado o 23º. BI tem prestado serviços relevantes que vão desde a sua formação visando sempre o desenvolvimento da região, colaborando com as autoridades administrativas. Integrados neste espírito, principalmente por ocasião das catastróficas cheias que assolam a região periodicamente, este Batalhão não tem medido esforços no sentido de salvar vidas, socorrer e defender os bens duráveis da população mesmo com risco de vida como ocorreu em 1961, quando o soldado Moacir Pinheiro perdeu a vida no desempenho do seu dever. Nos momentos cruciantes de 61 e 64 este também soube vigiar a segurança da população da região do Vale.

Na década dos anos setenta a integração 23º. BI e a comunidade estreitou-se ainda mais com a Operação ACISO. Esta tinha como objetivo levar às populações mais carentes sob a forma de atividades comunitárias, benefícios que visavam atingir principalmente setores como: Higiene, saúde, agricultura, veterinária, transporte, educação e bem-estar social. Estes benefícios se estenderam desde os Municípios de Barra Velha, Piçarras, Navegantes, Rodeio, Indaial, Ascurra e outros que estão sob a sua jurisdição. Trabalhos de recuperação de escolas, construção de pontes, abrigo p/ônibus, sanitários, campos de futebol, consultas médicas, exames de laboratórios etc. Em Municípios como Blumenau, Camboriú, Gaspar, Ilhota, Timbó houve benefícios principalmente na área educacional com a ACISO Relâmpago. Para a realização

desta operação o espírito comunitário mais uma vez se fez presente com a integração do Comércio, Indústria e profissionais liberais. Universitários catarinenses e paranaenses, integrantes das escolas de Agronomia do Paraná e Santa Catarina também se integraram nesta operação.

"Colônia de Férias" foi outra Aciso que o 23º. BI liderou integrando-se com a comunidade.

Na área cultural tem desenvolvido um rico trabalho de integração comunitária com a apresentação de concertos e apresentações públicas através da sua afinadíssima Banda Musical que tem arrancado calorosas manifestações de carinho e admiração e respeito das autoridades civis e da população em geral.

Nos últimos anos o fato que mais marcou a vida do blumenauense e região do vale foi as cheias de 1983 e 1984. A contribuição do 23º. BI foi de indescritível importância no resgate de vidas e atendimento a população da região do Vale do Itajaí. A o-

peração montada com a Polícia Militar, Bombeiros liderada pelo 23º. Batalhão de Infantaria faz hoje parte dos anais da nossa História.

Como podemos constatar, pelos dados que resumidamente procuramos levar ao conhecimento dos senhores foi de elevada importância o papel que desempenhou o 23º. BI como sentinela e parte integrante da comunidade. Agindo sempre com justificada ordem continua trabalhando pelo bem estar da coletividade. Faz parte integrante do povo da região do vale pois é elevado o número de cabos, sargentos e oficiais que são filhos desta terra e integram a Força Militar do Exército Brasileiro. A sua organização, disciplina, trabalho e respeito a levou ao alto conceito que a Unidade desfruta dentro do território nacional.

Parabéns 23º. BI pelo transcurso do seu cinquentenário de Sentinela do Vale e da prestação de seus serviços prestados a coletividade do Vale do Itajaí.

CARNAVAL ALEMÃO

MARITA DEEKE SASSE

(LET 2090 — Cultura Brasileira — Pós-Graduação)

2ª. PARTE - CONCLUSÃO

1. A MÁSCARA E A MAQUIAGEM

Para Jean Duvignaud (1), as festas tradicionais e os festivais constituem, simbolicamente, uma renovação do passado no presente, um caminho de retorno às origens mitológicas ou históricas

de uma comunidade, e o seu estudo e o seu cultivo importam na medida em que estabelecem a auto-identidade e a expansão da auto-afirmação das sociedades modernas.

Não é difícil comprovar que a "Oktoberfest" contém todos os ingredientes básicos para figurar

como autêntica representante de um evento caracterizador da auto-identidade e da expansão da auto-afirmação do povo blumenauense. E disto tinham, sabiamente, consciência as pessoas responsáveis pela sua organização.

Quem se lembra de Blumenau há vinte anos pode confirmar que, à primeira vista, nada, ou pouca coisa levava a definir a tradição germânica de sua cultura de base. Somente o interesse um pouco mais demorado iria comprová-la através da filosofia de vida ou do tipo físico do habitante, ou de alguns costumes típicos quase moribundos, ou do uso da língua entre os bem mais idosos. E tudo estava fadado a desaparecer rapidamente. A Segunda Guerra foi, em parte, responsável por este rápido e voluntário desligamento. O descendente de emigrante tinha sofrido na própria pele a maldição de sua origem. E usando estes termos, não estamos falando metaforicamente. Houve violência física. Todos sabem e têm alguma coisa a relatar a respeito. Quem tinha livros ou objetos que lembrassem sua ascendência era considerado traidor da Pátria. A escritora blumenauense Urda Alice Klueger em seu romance *No Tempo das Tangerinas* (2) retrata muito bem o drama de um jovem expedicionário, neto de alemães que estava indo para a guerra.

Então, de repente, este povo estava perdendo, voluntariamente, a sua identidade a passos largos. O progresso e o gosto natural pelo novo se encarregavam do resto.

O reviver da tradição não foi uma coisa natural. Foi idéia de poucos e se iniciou pelo incenti-

vo à caracterização da arquitetura, o que, até hoje ainda gera muita polêmica. Burle-Marx, em visita mais ou menos recente ao Verde Vale, afirmou que o estilo que se fazia lá representava um aborto da arquitetura. Aprovada imediatamente sua opinião pela elite intelectual e artística, o impasse de consciência foi resolvido pelo turista, a quem interessa apenas o lado romântico e exótico do visual, seja ele milenar, centenário ou recém-nascido. Foi o turista, também, o responsável pela valorização das velhas receitas caseiras, das tortas sofisticadas, dos pratos típicos, das lojas entulhadas de chapéus tiroleses, de bonecas camponesas e das peças artesanais decoradas com margaridinhas e corações vermelhos. O intelectual continuou a afirmar que estava mostrando, com seus trajes típicos, uma falsa identidade. Que tudo isto era apenas um tipo de máscara "kitsch" mal adaptada. Tudo foi posto em dúvida, pois que a própria língua de substrato (podemos dizer assim?) é muito menos valorizada lá, do que nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. O Curso de Letras da FURB, por exemplo, mantém em seu currículo a Língua Alemã, é verdadeira, mas esta disciplina não funciona regularmente, de semestre em semestre, pela falta de alunos. Isto reforça cada vez mais porque, também nas escolas de 1º. e 2º. graus, o idioma alemão quase não existe pela exigüidade da demanda. A própria Alemanha, que é tão generosa em equipar e manter cursos de língua germânica no Brasil, mostra-se desinteressada em promover a mesma atividade em Blumenau porque o pú-

blico interessado está diminuindo.

O povo blumenauense, trabalhador, eficiente, sempre convesador e atualizado, cada vez mais ensimesmado, parecia um povo triste, que mal possuía uma vida noturna, tentando promovê-la artificialmente a partir da época da invenção das discotecas. Só dos bairros é que vinha um pouco mais daquela alegria autêntica, cheirando a povo e a "marreco com repolho roxo".

Então estoura a "Oktoberfest"! Os intelectuais foram vistos provando as salsichas e o chucrute, bebericando chope e por fim, rendidos, caindo na dança. Bem depois, alguns já estavam apresentando suas obras artísticas em exposições com inauguração em destaque no programa de eventos da "Oktoberfest".

Não há dúvida: alguma coisa tinha acontecido, subitamente, debaixo da máscara. Ou a "maquiagem" estava começando a aderir ao rosto? E aqui vem muito a propósito uma imagem de Helena Parente da Cunha em seu **Mulher no Espelho**:

"Onde está a máscara? No rosto lavado ou no rosto pesado de cores falsas? Ao me pintar mais, tiro a máscara? Ou ponho a máscara quando lavo o rosto?" (3).

Otávio Paz é até muito mais categórico que Duvignaud, citado no início deste item. Ele fala que a festa é um regresso e um estudo indiferenciado pré-natal ou pré-social. Regresso que é também um começo, como requer a dialética inerente aos fatos sociais. O grupo, segundo ele, sai purificado e fortalecido de um mergulho de dentro de si mesmo, da própria entranha de onde saiu (4).

2. A ARMADILHA MÁGICA

Quem sobreviveu às grandes enchentes de 83 e 84 também conviveu com a resistência que era feita em relação aos preparativos da primeira festa. "Um absurdo. Um desperdício de energia. Um gasto inútil. A Prefeitura deve se preocupar mais com o pão dos pobres".

É ainda Otávio Paz que fala, após observar sociólogos franceses, sobre a festa ser um gasto ritual:

"Graças ao esbanjamento, a coletividade se coloca ao abrigo da inveja celeste e humana. Os sacrifícios e as oferendas acalmam ou compram os deuses e os santos padroeiros. As dâdivas e os festejos acalmam e compram o povo. O excesso no gasto e no desperdício de energia afirmam a opulência da coletividade. Este luxo é uma prova de saúde, uma exibição de abundância e poder". (5)

Ninguém estava querendo provar nada. Apenas tentava-se qualquer coisa diferente, que deixasse para longe aquela lembrança de monstro de lama amarelenta. Era necessário ter-se um bom motivo para gastar com vontade muito sabão e muitas escovas, e retirar, até o último resquício, suas impressões deprimentes. E estava sendo necessário restabelecer um antigo laço, não somente entre os homens, mas como faziam os antigos alamanos, entre os deuses e os homens. Tratava-se de montar aquela armadilha mágica:

"Dinheiro chama dinheiro. A vida que é regada dá mais vida; a orgia o gasto sexual, é também uma cerimô-

nia de regeneração genésica; e o desperdício fortalece". (6)

E ainda depois que a festa tinha acabado, quanta polêmica gerou o cálculo dos lucros e prejuízos! E tudo se repetiu a cada novo preparo e novo fim de festa. E é natural. O blumenauense, que sabe ganhar e sabe gastar, precisa ver o fruto do seu esforço bem computado e bem explicado. O mesmo autor já citado duas vezes neste item, que estudou com tanto conhecimento de causa a festa em comunidades tão distantes e tão diferentes da nossa (no México!), dá-nos porém uma lição a respeito do assunto: "Quanto às festas, o lucro não se mede, nem se conta. Trata-se de adquirir potência, vida, saúde; neste sentido, a festa é uma das formas econômicas mais antigas, com a dádiva e a oferenda..." (7).

Não será por bairrismo, bovarismo, ou outros ismos, ou por pura falta de bom senso que o blumenauense está fechando agora os olhos às despesas de uma festa feita para a comunidade? OU será o puro entendimento transcendente de que existe algo mais? Aquela coisa maior que o pai ignora, quando, por economia, se priva da alegria de convidar os amigos para o casamento de sua filha única, preferindo dar a ela um enxoval mais rico. Mas não é costume em Blumenau casarem-se filhas únicas sem música, bebida e mesa farta. Principalmente no interior!

3. PRATO TÍPICO E "MÉSALLIANCE"

Em 1986 consumiram-se nos salões da "Oktoberfest" 15.000 salichas com chucrute, 15.000 frangos com purê, 19.000 marreiros com repolho roxo e 15.000 pratos de outros tipos.

Reuniram-se sob o mesmo teto inúmeras famílias que formavam por sua vez outra momentânea e monumental família, configurando um princípio comunitário de união e confraternização. E na troca de experiências e de atitudes muitas vezes opostas chegam em repetição anual a um ideal em que as diferenças e a hierarquia são momentaneamente suspensas. Este mesmo clima e esta mesma experiência lemos em Isidoro Alves, falando dos almoços (embora em escala muito menor) do Cirio de Nazaré. Para ele, a comida pode assumir um caráter simbólico da mais alta importância (8). Haveria um reconhecimento social de que em tempos como o da nossa "Oktoberfest" por exemplo, a comida partilhada deve ser diferente ou especial. E, através desse compatilhar de pratos especiais, revigoram-se os padrões de solidariedade, de ajuda mútua, reforçam-se os laços de amizade. A mesa farta e comum, promovendo a comunhão da sociedade consigo mesma, provoca a criação de novas relações, regras inesperadas, hierarquias caprichosas. E nesta euforia de prazeres da mesa, fronteiras se apa-

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

gam, somem antagonismos partidários, lutas de classes e controvérsias de toda espécie.

4. UM LAÇO GIGANTESCO

Beber juntos — eis o laço mágico. Não somente entre os homens, mas entre os deuses e os homens. Isto acreditavam os alemães pagãos que preparavam sua cerveja dentro do seu ritual mítico e místico.

Em Blumenau, durante os dezessete dias da última festa, os foliões conseguiram beber 500.000 litros. Seria de se acreditar que, de fato, um laço gigantesco se estaria formando, então.

Durante as Saturnais romanas em que comer e beber luntamente eram prazeres característicos, a distinção entre as classes livres e as classes escravas era temporariamente abolida. E mais, os Senhores, na realidade, trocavam de lugar com seus escravos e os serviam à mesa (9).

O delírio báquico é perturbador de hierarquia, de organização hipostática estabelecida e instaurador da coordenação, de parataxe generalizada, diz Francisco Acheas (10).

Se beber durante as Saturnais era um recurso lógico para a liberação pessoal e coletiva, hoje também não deixa de sê-lo.

Em Atenas, nos três dias que precediam à Primavera, Dionísio era saudado com farta distribuição de vinho à população. Em Roma, na Antigüidade, repetia-se similar manifestação. Nas ruas, uma alegre procissão deveria conduzir um carro em forma de nave (o carrus navalis) que distribuiria bebida ao povo (11). Os blu-

menauenses copiaram da Baviera o "Bierwagen" (o imenso tonel puxado por cavalos, distribuindo cerveja, mas também inventaram a "Bier fahrat" (bicicletas gêmeas) transportando o tonel e a "Bier mottorat" (a moto da cerveja).

5. A COROAÇÃO DOS INOCENTES

O ritual da coroação bufa, segundo Bakhtin (12), verifica-se em formas variadas em todos os festejos de tipo carnavalesco. Aparece nas formas mais apuradas (Saturnais), Carnaval europeu, Festa dos Bobos) e em formas menos apuradas nos mais variados festejos. Numa festa carnavalesca aponta-se uma rainha entre as belas do povo e também um rei que seria escolhido entre os gordos e bonachões. A conjugação da beleza feminina com o prazer masculino remete, à afinidade proposta entre a saúde e a prosperidade e à idéia de fertilidade da terra.

O Vovô Chopão da "Oktoberfest" é o rei temporário dos blumenauenses. É um rei feliz porque não é sacrificado no fim da festa, nem de maneira simulada. É apenas um Vovô, e como tal não tem a malícia de seus antecessores míticos. Sua principal função é presidir a distribuição gratuita do chope e animar os bailes.

A Rainha da "Oktoberfest", loira e jovem, conforme a tradição, é escolhida entre as meninas mais bonitas das sociedades dos bairros. Ela anuncia a chegada da Primavera e deve despertar, fazer renascer sentimentos adormecidos. Encarna, em sua modestia e simplicidade, sem o sa-

ber, a mitológica Perséfone (13) que vai, através da alegria de sua mãe Demeter, provocar o renascimento das folhas e das flores por toda a terra.

Para Jean Duvignaud (14), seria este mais um aspecto legitimador dos motivos da festa: o anúncio de uma estação do ano. Aqui no Brasil, de fato, a festa coincide com a chegada da Primavera (embora na Alemanha, sua similar obviamente acontece no Outono). Mas a rainha brasileira justamente é escolhida entre as Rainhas da Primavera nos Clubes já mencionados.

Huizinga (15), falando de Froebenius, diz que num passado remoto, os homens começaram por tomar consciência dos fenômenos do mundo vegetal e animal, só depois adquirindo as idéias de tempo e espaço, dos meses e das estações e das estações do percurso do sol e da lua. Teriam passado, depois a representar esta grande ordem da existência em cerimônias sagradas, nas quais e através das quais realizavam de novo ou "recriavam" os acontecimentos representados, contribuindo, assim, para a preservação da ordem cósmica.

6. O DOCE EMBALO DO RISO

Em homenagem a Isis, protetora da Natureza, os mortais reuniam-se ciclicamente para render graças à vida, abrindo uma nova era no ciclo anual. Segundo remotas tradições, os mortais deveriam dançar, brincar, festejar muito para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons (16).

Para Platão (Leis, 11,653) os

deuses, cheios de piedade pela raça humana, ordenaram que se realizassem festas de ações de graças como descanso para suas preocupações e deram-lhe Apolo, as Musas e Dionísio como companheiros dessas festas, a fim de que essa divina comunidade festiva restabelecesse a ordem das coisas entre os homens.

Huizinga diz também que, sentindo a música, somos capazes também de sentir o "ritual". Os turistas que se irmanam aos blumenauenses, sentem, como no Carnaval, que são possuídos por seus fantasmas típicos. O ritmo deles "mexe com a gente". Muitas dessas músicas cantadas em alemão (traduzidas em folhetos para os "não iniciados") contêm a única pitada picante do cenário da festa. Muitas são completamente inocentes, outras apresentam doses timidas de ironia ou malícia, pincelando o espetáculo com uma tinta muito esmaecida daquela característica essencial dos eventos tradicionais carnavalescos: a ambivalência. Mas a pimenta é tão suave que o bom baiano não sente.

7. A RIBALTA AUSENTE

Não há dúvida, por tudo o que já foi abordado sobre a vida vivida durante as duas semanas da Festa da Cerveja no Verde Vale, em outubro se marca um tempo bem diferente da normal realidade cotidiana de todos, da "dura realidade da vida" como diria Roberto da Matta (18). No entanto, ela se afasta daquele modelo carnavalesco mais agressivo dos primórdios, com todos os rituais básicos de inversão. Sente-se uma rotina desviada de

sua ordem habitual, sim, mas à semelhança do Carnaval de Basile, a "Fasnacht" (19), onde os ditos elementos dos rituais, de rebelião são perfeitamente controlados e regulados. Até as transgressões eventuais tem solução rápidas.

No entanto, um dos traços mais marcantes, e que aproximam de modo mais atraente a "Oktoberfest" da cosmovisão carnavalesca, é o ambiente. O Carnaval é um espetáculo sem ribalta (10) e sem divisão entre atores e espectadores. Todos são participantes ativos, todos tomam parte na ação. Nos gigantescos salões da PROEB todos brincam e dançam. Quando as manifestações acontecem nas ruas, é bem verdade, há momentos em que alguém desfila ou dança enquanto outros observam, até em palanques, mas tudo isto faz parte também da mais legítima tradição carnavalesca européia ou brasileira.

CONCLUSÃO

É fato sabido que, graças às festas, o homem se abre, participa, comunga com os seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência religiosa, política ou social. Sobre o poder da dança e da música para induzir estados de alegria pura, não nos faltam exemplos em qualquer civilização ou em qualquer tempo.

A "Oktoberfest" blumenauense, estudada sob uma ótica antropológica mais especializada, mostra-se como um evento revelador, em primeiro lugar, da

autenticidade dos valores propostos pela cultura de base do povo local. E a pública constatação de que valia a pena ressaltar sua tradição foi um aspecto bastante positivo na história de uma cidade que estava esquecendo suas raízes.

Embora não seja no Brasil a única Festa da Cerveja, querem seus organizadores que ela seja considerada a maior do Brasil e a segunda do mundo em importância e em proporções. E foi este um dos fatos que intensificaram o interesse de nossa pesquisa. O resultado de nosso trabalho, embora rápido e não abrangendo com profundidade muitos aspectos e não esgotando o assunto totalmente, foi compensador para estudioso iniciante que somos. Deu-nos a consciência maior da importância dos fatos aparentemente singulares num contexto infinito: o universal.

E por isto mesmo adquirimos a convicção de que o espírito vivo e contestador do blumenauense, não pode perder o ritmo desta dança que começou em 1984 e que, por motivos justos ou injustos não pode deixar de acontecer daqui para a frente, ano após ano.

E que este trabalho, cujo principal defeito foi ter sido realizado com a paixão adquirido na própria festa, sirva de mais uma pequena motivação para que todo o ritual continue sendo realizado, sob a pena de serem quebrados aqueles velhos laços cultivados pelos antigos almanos convertidos ao cristianismo por São Columbano.

Rio de Janeiro, julho de 1987.

NOTAS

1. Duvignaud, J. (1967) p. 7.
2. Klueger, U. A. (1984).
3. Cunha, H. P. (1983) p. 37/38.
4. Paz, O. (1984) p. 49.
5. Ibidem p. 48.
6. Ibidem
7. Ibidem
8. Alves, I. (1980) p. 64.
9. Frazer, J. G. (1982) p. 189
10. Acheas, F. (1983) p. 1.
11. Sebe, J. C. (1986) p. 17 e 31.
12. Bakhtin, M. (1981) p. 107
13. Frazer, J. G. (1980) p. 137.
14. Duvignaud, J. (1976) p. 8.
15. Huizinga, J. (ed. 2) p. 19.
16. Sebe, J. C. (1986) p. 9.
17. Huizinga, J. (ed. 2) p. 178.
18. Matta, R. (1983) p. 40.
19. Weidkuhn, (1976).
20. Matta, R. (1983) p. 105.

BIBLIOGRAFIA

1. ACHEAS, Francisco. **As Bacantes**. Rio Folhetim, 1987.
2. ALVES, Isidoro. **O Carnaval Devoto**. Petrópolis, Vozes, 1980.
3. BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio, Forense, 1981.
4. CUNHA, Helena Parente da. **A Mulher no Espelho**. São Paulo, Art, 1985.
5. DUVIGNAUD, Jean. The Meaning of Feasts In: **Festivals and Carnivals: The Major Tradition**, Genève, Unesco Press, 1976.
6. FRAZER, James George. **O Ramo de Ouro**, Rio, Zahar, 1982.
7. HUIZINGA, Johan. **Homo Ludeus**. ed. 2. São Paulo, Perspectiva, s/d.
8. KLUEGER, Urda Alice. **No Tempo das Tangerinas**. Florianópolis, Lunardelli, 1984.
9. MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio, Zahar, 1983.
10. MOLIN, Michael. **Oktoberfest**. München, Objektiv Verlags, 1985.
11. PAZ, Octávio. **O Labirinto da Solidão**. Rio, Paz e Terra, 1984.
12. PRAETORIUS, Rudolf e HARTMANN, Herbert. **Das Oktoberfest in Geschichten und Bildern**. München, Suddeutsches Verlag, 1985.
13. SEBE, José Carlos. **Carnaval e Carnavais**. São Paulo, Ática, 1984.
14. SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário de Mitologia**. São Paulo, Cultrix, s/d.
15. WEIDKUHN, Peter. **Carnival in Basle. Playng History in Reverse**. In: **Festivals and Carnivals: The Major Tradition**. Geneve, Unesco Press, 1986.

Três partituras - 28º livro de Marcos Konder Reis

Com alegria e até emoção, recebemos o 28º. livro de Marcos Konder Reis, o nosso querido amigo que, lá, distante, no Rio de Janeiro, nunca nos esquece e está sempre ao nosso lado através das páginas de "Blumenau em Cadernos".

Marcos Konder Reis nos distingue com sua obra e seu autógrafo, com o qual nos envia também seu abraço. E nós, daqui, retribuimos o mesmo amplexo com o coração alegre.

Na primeira das Três Partituras, o autor diz, na primeira linha, que: "Quero compor, com amor e alegria, este quinteto".

Pois com amor e alegria, Marcos Konder Reis tem produzido suas obras. Esta é a razão pela qual todas são sempre tão bem recebidas pelos leitores, que não são uma classe especial, mas está ao alcance e ao entendimento de todos, as mensagens de emoção e ternura que ele exprime em suas obras, como agora novamente acontece com "Três Partituras".

Di Soares, num pequeno comentário, referindo-se a mais esta obra produzida, diz textualmente: "Não há o que discutir: depois de Cruz e Souza é Marcos Konder Reis a grande afirmação da poesia catarinense".

O problema do alojamento de imigrantes que aportavam em Blumenau na década de 1880

O jornal "Blumenauer Zeitung", nº. 5, de sábado, 15 de dezembro de 1883, traz em uma de suas páginas, a seguinte nota: — "O Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, escreve sobre os dois galpões aqui existentes e que atualmente pertencem ao Estado, que serviam para o abrigo dos imigrantes na época colonial e que agora estão abandonados, depois de haverem cumprido importante função a qual estavam destinados. Mas, com a emancipação da Colônia, desde então os dois galpões encontram-se em péssimo estado de conservação e segundo se informa, pretende-se colocar à venda a madeira dos mesmos. Esta venda seria prejudicial aos interesses do município e também a imigração. É mais interessante, portanto, passar o cuidado dos mesmos à Câmara Municipal de Blumenau, que está disposta a preservá-los para a utilização a que se destinam, como o abrigo aos imigrantes que aqui chegarem, aguardando seu lugar de destino. A Vila Blumenau é o ponto final de comunicação fluvial e terrestre e, portanto, ponto final para os imigrantes que aqui chegam, vindos pelo convite de parentes e amigos e pela boa direção da Colônia e aqui também querem fixar-se. A mesma Vila ainda tem possibilidade de receber milhares de pessoas. Para estes recém-vindos, estes galpões representam um grande alívio, porque a permanência é gratuita; a todos é constrangedor ter que ficar em casas particulares, enquanto aguardam o destino final. Se o número de imigrantes for em grande quantidade, o que é de desejar, não poderão pagar o preço exigido em casas particulares. Se estes galpões passarem para as mãos da Câmara Municipal, esta cuidaria da sua conservação e seria de grande utilidade para o município poder abrigar as pessoas que aqui pretendem ficar. Se no entanto estes galpões fossem vendidos ou demolidos a particulares, isto de pouco serviria e apenas poria em evidência a falta de interesse do Governo pelo fomento à imigração. Mas, chamamos a atenção dos srs. Ministros de Finanças e Agricultura, para este ponto. Já muito o que o Estado fez acabando com a administração de colônias que lhe deram muita preocupação. A imigração, mesmo que seja espontânea, exige uma atenção especial e apoio direto como transporte, hospedagem e alimentação gratuita por alguns dias. O que se pede é o mínimo; uma negativa significaria que se pretende dificultar e colocar empecilhos constantes a imigração para Blumenau. Emancipação das Colônias sem dúvida não quer dizer abandono e relaxamento na conservação das edificações que, para suas amplas terras devolutas, significa lugar suficiente para um acentuado aumento de população".

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANAZIO

O JORNAL DOS LAGOS, da cidade de Alfenas, Estado de Minas Gerais, em sua edição de 6 do corrente, publicou o seguinte comentário:

ENSAÍSTA DESTACA IMPORTÂNCIA DE RANGEL, ESCRITOR NASCIDO EM TRÊS CORAÇÕES

Pouca gente no Sul de Minas conhece Guimarães Rosa, festejado pela crítica e seguramente um dos maiores escritores de todos os tempos. Do Brasil e do mundo.

Que dizer de Godofredo Rangel, que, não obstante ter nascido na região (em Três Corações) e vivido em várias cidades sul-mineiras — como promotor de justiça, juiz de direito e professor —, foi rapidamente esquecido, assim como sua obra? Nem a terra natal do escritor se lembra mais dele. Muito menos o restante do Brasil, que tem a memória fraca no que não se refere a lugares-comuns repisados diariamente.

Grande admirador de Godofredo Rangel, o ensaísta catarinense Enéas Athanázio tem se preocupado muito com o esquecimento da obra rangeliana. Já escreveu muitos artigos na intenção de resgatar o prestígio do escritor e fazer se voltarem sobre ele os olhos dos editores brasileiros. Todas as obras de Rangel estão esgotadas há muito tempo. À medida em que foi estudando a vida e a obra do sul-mineiro, Athanázio viu crescer seu interesse e acabou por produzir um livro, agora revisto e ampliado. Foi lançado no final de 1988 a edição definitiva de "O Amigo Escrito", em estudo sobre Rangel cujo título vem da definição de Monteiro Lobato sobre sua relação com Rangel: "Não somos amigos falados, somos amigos escritos".

É, aliás, através de Lobato que o escritor mineiro é conhecido. Em grande parte dos manuais de literatura ele é citado como o interlocutor de "A Barca de Gleyre", reunião em livro de correspondências que lhe foram destinadas, ao longo de muitos anos, pelo taubateano autor das "Reinações de Narizinho". Colocado à sombra de Lobato, Godofredo Rangel passou a história da literatura como figura secundária, como destinatário das cartas de Lobato, pois nunca permitiu que publicassem suas respostas.

Em seu livro, Enéas Athanázio prova que Godofredo Rangel foi mais do que o amigo mineiro de Lobato. Descreve-o como uma criatura tão humilde como talentosa, um sábio que, mesmo tendo consciência de seu valor, resignou-se à vida de magistrado interiorano, da qual

tirou a substância para sua resumida produção editada. Rangel publicou "apenas" três romances, uma novela, dois livros de contos, uma gramática e três obras infanto-juvenis.

"Pulando de comarca em comarca", segundo sua própria definição, Godofredo Rangel gastou sua vida sem lograr grande brilho como escritor, mesmo tendo publicado quase toda a sua obra em vida. Foi mais festejado, em seu tempo, como tradutor.

Saiba o leitor que ele verteu para o vernáculo, por exemplo, os livros de Edgar Rice Burroughs sobre Tarzan. O escritor sabia inglês, francês e italiano, além do português que sistematizou em uma gramática.

Em seus estudos, Enéas Athanázio chegou à conclusão de que Lobato foi muito influenciado pelo mineiro, ao qual remetia seus escritos e que uma vez o fez mudar de vida, saindo do comodismo e se dedicando mais à literatura, fustigando-o com a pecha, pelo jeito considerada bastante ofensiva, de "fazendeiro-pai-de-família". Além disso, diz o ensaísta em seu livro, "não podemos deixar de reconhecer e proclamar que Godofredo Rangel, na sua modéstia humildade, escrevia melhor que o taubateano".

A obra de Rangel, que morreu pobre e abandonado (pela crítica) em Belo Horizonte, em 1951, aos 66 anos de idade, pode ser considerada regionalista. Aliás um caso raro de regionalismo sul-mineiro em literatura, e por isto mesmo digno de nota, não bastasse seu valor enquanto literatura. Se o tricordiano não foi um gênio, foi pelo menos uma ave rara no mediocre panorama geral da literatura produzida por gente nascida na região. Além do mais, como justifica o ensaísta em sua introdução a "O Amigo Escrito", lembra que "não temos assim tal fartura de talentos que nos permita malbaratar os que apareceram".

É difícil, pela leitura de seu livro, saber se o catarinense superestima (é a impressão que se tem) o valor de Godofredo Rangel, isto porque praticamente não há mais exemplares de suas obras à venda. Num tempo em que os políticos redescobriram a cultura como oportunidade de fazer demagogia, a Prefeitura de Três Corações poderia dar um exemplo diverso ao Brasil, patrocinando a reedição das obras de seu escritor, por falar nisto. Até porque Pelé já é famoso o bastante e preferiu se esquecer de onde nasceu.

Enquanto se espera a reedição da obra rangeliana, "O Amigo Escrito" é uma análise bastante completa, que atia a curiosidade dos interessados em literatura para o provável sabor da prosa deste sul-mineiro esquecido. Quem conhece bem a região sabe que muito se poderia esperar de uma literatura construída sobre nossas possibilidades culturais e humanas, que vão sendo aos poucos engolidas pela tirania americana da "cultura" de massa.

O livro "O Amigo Escrito" foi publicado pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. Pedidos devem ser feitos ao autor pelo seguinte endereço: av. Brasil, 692 (esq. Rua 1131), ap. 704, edifício Cidade de Brusque, cep 88.330, Balneário de Camboriú, SC.

Sérias críticas ao Presidente da Província

FATO CURIOSO DE PERGUNTAS

O jornal "Blumenauer Zeitung", de 23 de fevereiro de 1884, publicou o texto de uma correspondência expedida do Desterro para o jornal do Rio de Janeiro intitulado "Brazil", cujo teor no início, occupa-se do Presidente da Província de Santa Catarina e onde se lê: "Eu lhes dou notícias sobre esta pobre região que há meses é governada por um insensato". Mais adiante, a notícia diz: "Quando ele assistia a um exame numa escola de moças, fez as seguintes perguntas: — Quando virem um grupo de pombas, podem reconhecer as fêmeas e os machos? — Se eu lhe desse um vestido, quanto deveria custar cada côvado? — Quantos cacos de vidro tem uma janela quebrada?"

A outra pergunta não podemos publicar porque faria corar os leitores".

Num outro trecho da notícia, lemos o seguinte: "Ele começou com a derrubada das árvores que enfeitavam a Praça do Palácio, só porque vedavam objetos aos quais não podia fazer visitas constantes. Estas colheita de flores seja o bastante para os leitores. E a pessoas assim é entregue a administração da Província!". Trata-se do Dr. Francisco Luis da Gama Rosa.

NOTÍCIAS DO "BLUMENAUER ZEITUNG" DE 29/03/1884 DR. FRITZ MÜLLER

"Rio — A Sociedade Central de Imigração enviou uma carta de protesto ao Ministério de Agricultura sobre a destituição do Dr. Fritz Müller".

CARNAVAL NA ILHA

"Desterro — O carnaval em Desterro, este ano, foi festejado com grande pompa e foi classificada vitoriosa a Sociedade "Bons Archanjos". As bandas de música dos srs. Ruediger e Lingner foram contratadas para abrihançar a festa".

SERVIÇO TELEFÔNICO

"As diversas repartições em Desterro deverão ser providas de uma linha telefônica. Para isso já chegaram os respectivos aparelhos".

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESER, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICINIOS E AGRICULTURA — MATÉRIA TRANSCRITA DO LIVRO DO MESMO AUTOR SOB O TÍTULO "PÉRGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

Introdução

O trágico destino da Companhia Blumenauense de Laticínios (Sindicato dos Ordenhadores Blumenauenses), merece destaque. Eu pertencia a este Sindicato desde sua fundação, como diretor técnico, até sua dissolução dois anos mais tarde. Esta situação não me deixou tranquilo desde então. A discriminação do preparo de laticínios respeitada em todo mundo terá que ser e deve ser retratado especialmente aqui no município de Blumenau.

Quase 75% do complexo de terra em uso no Estado de Santa Catarina, na zona silvestre de pastagem é artificial, enquanto a região serrana apresenta pastagem natural. Por esta razão, a criação de gado e obtenção de leite representa a alma de negócio dos dependentes do trabalho agrícola. Os nossos dois Estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul, apresentam uma população mais densa. No entanto, Sta. Catarina tem ainda dezenas de quilômetros de terra não explorada, aguardando a emigração alemã. Em especial o nosso Estado possui o privilégio perante nossos vizinhos, de que temos vastas extensões de terra boa para a criação de gado, por seu excelente cli-

ma; tem a possibilidade de tornar-se o centro futuro de produção de laticínios não só no sul do Brasil mas de todo o país e países vizinhos.

Lamentável em dobro que justamente a produção de artigos de laticínios aqui no Município de Blumenau não deu resultado. Este programa, para Blumenau, colônia do Estado de Sta. Catarina, era uma instalação modelo para todo o Brasil.

Será que desta forma a produção de laticínios tornou-se obsoleto? Eu fiz tudo para persuadir a direção de voltar a apoiar a fabricação de laticínios com novos métodos, mas estas tentativas falharam, devido ao insucesso da primeira. Não tive outra alternativa senão transportar minhas idéias e sugestões para o papel. Para agora evitar que novos erros sejam cometidos com novas mini-instalações eu resolvi publicar meus conhecimentos no ano de 1916 num pequeno livro.

Desde a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha, nós fomos condenados a uma total e completa inatividade junto à vida pública. No entanto, a paz voltará e é então que poderemos prosseguir a obra iniciada.

Nossos colonos progressistas desejam e esperam que após a

guerra se reiniciem com idéias novas a indústria leiteira e de laticínios. Mas não somente os desejos nos convidam para um trabalho intensivo visando objetivos mais altos, sem que com o alcance nós continuamos a marchar sempre no final da linha e somente férreo "preciso" leva-nos a auto-enfrentar o setor comercial. Nós podemos e também queremos mostrar ao mundo que nos, agricultores alemães, somos capazes de honrar a nossa profissão e não nos sujeitamos a ser levados na coleira por uma outra classe profissional. São capazes de alcançar seu lugar ao sol no espírito progressista alemão e conservar sua posição neste progressista país que é o Brasil.

Para uma solução deste grande problema, quero, no interesse de ambas as partes, elevar a indústria de laticínios e seus derivados. Estes são os produtos que nos convidam para uma luta aberta relativo à nossa existência comercial e podem facilitar o nosso trabalho, primeiro apresentando à população as mais novas aquisições em máquinas alemães próprias para o fabrico e a técnica em laticínios e que nós tivéssemos a oportunidade de adquiri-las. O momento é igualmente oportuno por outro ângulo. Depois da péssima experiência que tivemos com os produtos de ferro americano, ouvimos, em uníssono, em todas as partes, que as ferramentas de ferro e máquinas alemãs são insubstituíveis.

O trabalhador aqui apresentado divide-se em três partes. Para apresentar-lhes num quadro mais ou menos claro da nossa actual situação comercial leiteira e desta forma obter seu parecer so-

bre minhas propostas de melhoramentos e facilitá-las, é que relatei aqui o mais importante. A seguinte parte trata, em especial, da pergunta: com que método os fabricantes alemães trabalharão no futuro na fabricação de produtos de laticínios? Teremos então a oportunidade de ver que a produção pode ser levantada satisfatoriamente. Na terceira parte, abordo uma descrição de nosso Estado, num pouco de estatística.

Que estas anotações despertem o sincero desejo de cooperar para o progresso da indústria laticínica do Estado de Sta. Catarina e Sul do Brasil e ajudar a levantar o comércio estrangeiro alemão.

Meu antecessor, por exemplo, comprava em Blumenau, tecido pelo preço de 1\$000 por metro e revendia por 2\$000, esclarecendo ao fraguês que trabalhava com apenas 1% para o ganho. Todos acreditavam nele. O colono, como se vê, não tinha a mínima idéia do que significava %.

Um segundo: bem maior e por muitos anos demorada construção de uma via férrea até a fronteira da Argentina, já antes da guerra tornara-se realidade e, como já na primeira construção, grandes e pequenos haviam encheido os bolsos e os negócios iam muito bem. Podia-se, com tranquilidade, aguardar o que estava para vir em relação ao negócio da manteiga. Além de tudo, o mercado no norte ainda era por enquanto um bom negócio. Mas que esta perspectiva não continuaria para sempre, já se fazia notar.

Querendo ou não, o superintendente se viu obrigado a esclarecer em seu relatório, que estávamos prestes a ser eliminados

em nosso mercado de exportação de manteiga. Mas, com elegância ultrapassar este pormenor. O preço da nossa manteiga decaira na procura, prejudicada pela procura deste produto de outros Estados. Que isto não correspondia à realidade, ele logo confessa ao dizer: "O preço da manteiga decaiu com a boa qualidade do gado leiteiro em Minas Gerais, o bom preparo da manteiga neste Estado estava eliminando a procura do artigo blumenauense no Rio de Janeiro, bem como em São Paulo. Portanto, sabe-se muito bem qual é a causa do declínio da procura do artigo blumenauense, mostrando o sindicato como a autoridade blumenauense não deve nem pode falar abertamente para não prejudicar sua posição de comerciante. Resolve, portanto, dizer apenas que a manteiga mineira não é tão boa quanto a blumenauense.

Apesar que, com suas declarações mostrou que deveríamos olhar mais para a melhora deste produto, sem no entanto omitir uma palavra sobre o sistema leiteiro em geral, o que seria, em alto grau "inoportuno", como se diz aqui. Apesar disso, cremos que a procura da manteiga em 1910 deverá cair ainda mais. Uma prova mais concreta o homem não podia trazer, relativa à política colonial e leiteira numa terra quase que exclusivamente dedicada a este ramo e numa comunidade de cerca de 60.000 (sessenta mil) pessoas. O desastre de uma completa paralisação de nossa comercialização de manteiga, vinha a passos de gigante. Parecia que Blumenau estava em castigo por seus anos de comportamento reacionário contra o desenvolvimen-

to natural de sua produção leiteira e sua produção de manteiga sufocaria.

Condições extraordinárias também exigem tais medidas e foi então que nossos exportadores começaram a estudar a interrogação importante, se seria melhor acabar com o negócio da manteiga e substituir o mesmo num outro comércio agrícola industrial, como por exemplo usinas de açúcar, álcool e fecularias. Naturalmente estas indústrias não poderiam iniciar assim sem mais nem menos. Até que isto acontecesse, encher o seu lugar. Além, disto, não tínhamos nenhum dado sobre a rentabilidade de tais indústrias, pois as máquinas teriam que ser importadas da Alemanha, bem como trazer pessoas especializadas neste ramo de atividade. Mas, infelizmente, todo o capital disponível estava investido na produção de manteiga. A situação era difícil; mas, ao mesmo tempo, era preciso agir com rapidez. O poder aquisitivo do colono decaía de dia para dia e o círculo dos grandes e pequenos comerciantes também estava em dificuldades. Analisando a situação, constatamos a vontade e energia férrea por parte dos comerciantes, que, de qualquer maneira, mesmo correndo o risco, submeter-se aos interesses das organizações agrícolas, isto é, eliminar a primeira, caso a comercialização não tivesse a primazia. O que no entanto acontece quando um profissional procura interferir na profissão alheia, e o que resulta disto, é o que nos contará o próximo capítulo.

(continua no próximo número)

— A mulher foi o segundo erro de Deus — Fritzsche,

1869-1989: 120 anos de imigração polonesa

Maria do Carmo R. K. Goulart

O Barão Frederico von Klitzing dirigia a Colônia Príncipe D. Pedro à época em que chegaram os imigrantes poloneses e contém sua assinatura o primeiro documento da Diretoria da referida Colônia a respeito desta informação (31/08/1869 — Arquivo da Sociedade Amigos de Brusque).

No mês seguinte ao da chegada dos imigrantes, o Barão foi vítima de um assalto quando, vindo da Capital (Desterro), transportava uma certa quantia para as despesas da Colônia.

A respeito do fato, o expediente do dia 29 de setembro de 1869 do Governo da Província dava conta do comunicado n.º. 455 à Tesouraria da Fazenda:

“Communico a V. S. para sua ciência que por ofício n.º. 263 de 28 de setembro findo, me participou o Dr. Chefe de polícia, haver-lhe por telegramma da mesma data informado o delegado de polícia de Itajahy, que o barão de Klitzing, director da colonia Brusque, foi roubado na estrada distante mais ou menos meia legua d'aquella villa em 11:000\$00 reis, por tres individuos que, cobrindo-o com um ponche o amarrarão.

Ao respectivo delegado expedio o Dr. chefe de policia as necessarias recommendações para a captura dos criminosos”.

O Barão Frederico von Klitzing era substituto interino do senhor Pedro Manoel Moreira da Silva e foi demitido após o episódio do assalto (teria sido o motivo causador da demissão?), conforme comunicado n.º. 495 do Governo da Província à tesouraria da fazenda”, expediente de 30 de outubro de 1869:

“Communico à v. s., para os fins devidos, que, por aviso do Ministerio dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, datado de 28 d'Outubro findo, me foi participado ter sido demitido, por portaria da mesma data, o barão de Klitzing do cargo de director da colonia Itajahy, e nomeado para o mesmo lugar o capitão honorario do exercito Firmino José Corrêa.

Communicou-se na mesma data ao director interno da colonia para fazel-o constar ao barão de Klitzini”.

(in Jornal O Despertador, Desterro. 16 e 30-10-1869 — Arquivo da Biblioteca Pública do Estado).

— Já que a mulher se comporta como um homem, por que não se comporta como um homem bem-comportado? — Edith Evans.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 13 de julho de 1867:

Colônia Blumenau. Na Exposição Mundial de Paris foi conferido o prêmio de 10.000 francos à colônia Blumenau, pelo algodão exposto. No catálogo oficial da Exposição dos artigos expostos, foi mencionado somente o algodão "Luisiana", sob a denominação de algodão em rama e algodão beneficiado, cultivado e exposto pelo colono Rischbieter, de Blumenau.

Notícia de 3 agosto de 1867:

Colônia Blumenau. — A notícia publicada no "Kolonie-Zeitung", assim como em outros jornais do País, referente ao prêmio especial de 10.000 francos, que a nossa Colônia recebeu na Exposição de Paris, pelo algodão exposto, não corresponde exatamente à realidade, uma vez que o prêmio nada tem a ver com o algodão. Um prêmio especial para algodão foi conferido a todo o Império do Brasil. O motivo da concessão do prêmio a Blumenau, porém, foi outro. O regulamento do júri da Exposição — Tit. 4, Art. 30, diz literalmente: "Institui-se uma classe especial de prêmios para pessoas ou fundações ou povoados, que, pela organização geral ou por meio de instituições adequadas, contribuem para o bom relacionamento entre todos e o bem-estar dos trabalhadores, tanto moral e intelectual, como fisicamente. Estas recompensas, compreendem dez prêmios, num total de 100.000 francos e vinte menções honrosas". Trata-se aqui, portanto, de prêmios destinados às comunidades, cujas instituições asseguram o bem-estar dos que trabalham na mesma obra. Com base nesta disposição, as colônias do Brasil foram propostas ao Júri incumbido da distribuição das recompensas da referida classe, sendo o júri composto de representantes das mais diversas nações. A América Central e do Sul estão representados pelo embaixador brasileiro Barão de Penedo. No entanto, o programa de Exposição exigia na proposta um lugar certo ou uma instituição determinada e, além disso, os esclarecimentos fornecidos pelo Ministro Pouher, sobre o programa, explicam que é necessário provar que a instituição se encontra em franco e contínuo progresso e que o bem-estar dos trabalhadores, durante um certo período, foi comprovadamente satisfatório. Um folheto comemorativo, apresentado ao júri, descrevendo a colônia Blumenau desde a fundação, documentando o seu progresso, a situação atual com todos os pormenores, fez com que a colônia Blumenau, por assim dizer como representante de todas as colônias do Brasil, recebesse o prêmio. É este o verdadeiro sentido da

distinção outorgada à Colônia Blumenau — prêmio que não pertence apenas a nossa Colônia, mas constitui um reconhecimento honroso a toda a colonização do Brasil e contribuirá decisivamente para a eliminação, na Europa, de certas prevenções contra a colonização brasileira.

A coleção completa do “Kolonie-Zeitung” faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

AINDA EM EVIDÊNCIA O PRESIDENTE GAMA ROSA

O Jornal “Blumenauer Zeitung”, de 27/09/1884, publicou o seguinte: “O jornal “A Regeneração” traz um comovente artigo por ocasião da saída do ex-presidente da Província de Sta. Catarina, Gama Rosa. Notícias particulares, no entanto, contam o contrário: centenas de moleques desfilarão pelas ruas soltando foguetes, congratulando-se com a Província por estar finalmente livre deste homem. Do Jornal “União”, transcrevemos o seguinte: “Não conhecendo o sistema administrativo, o Dr. Francisco Luis da Gama Rosa administrou por quase um ano a Província como presidente e de cujo posto foi agora demitido. Durante este tempo, nenhum ato importante foi feito e que o coloque na lista de presidente reconhecido deste reino”.

MAIS UMA CRÍTICA AO PRESIDENTE GAMA ROSA

O jornal “Blumenauer Zeitung”, edição de 24 de maio de 1884, escreve o seguinte: “O jornal alemão de Koseritz faz sobre o presidente da nossa Província a seguinte crítica: — O presidente atual da Província Sta. Catarina é na realidade uma infeliz “descoberta” do governo atual. É um homem deveras esquisito. Contam-se coisas inacreditáveis. Por exemplo: nos bailes, não encontra uma dama que queira dançar com ele. No teatro lhe fornecem um camarote muito a contragosto. Uma dama de vida fácil representará uma peça no palácio e o presidente, quando na rua, usa dois chapéus e este último fato é realmente mais cômico. De mais a mais, o presidente da Província nomeou para a localidade de Parathy um delegado de polícia que há alguns meses atrás foi processado por tentativa de morte. O jornal “União” exige do presidente o imediato afastamento do mesmo”.

— O homem só pode ser ele próprio quando está sozinho; se não gosta de solidão, não gosta de liberdade. — Schopenhauer.

“Uma Colônia Anarquista”

Sob o título acima, o jornal “São Bento”, publicou, em 1902, o seguinte artigo transcrito do jornal alemão “Leipziger Tagelbatt” em 1.º de julho:

“A Alemanha considera-se feliz por livrar-se de uma grande parte de seus anarquistas da forma mais confortável. Querem emigrar para o sul do Brasil, onde perto de Joinville será fundada uma grande Colônia anarquista. O plano foi elaborado por um camarada americano de nome Carlos Condor. Através de um homem de confiança em Blumenau, obtivemos informações, que parecem ser muito sinceras. Os camaradas de Chicago já enviaram seus líderes mais conhecidos para junto de Carlos Condor, para obter maiores informações.

Numa longa proclamação aos camaradas o senhor Condor expõe seus planos. Ele possui nas imediações de Joinville e Blumenau, onde como se sabe vivem na maioria alemães, um grande complexo de terras, cerca de 3.000 acres, que como diz é um verdadeiro paraíso. Ali deve ser instalada a Colônia anarquista, que será administrada sob os mais rígidos princípios anarquistas.

As mulheres, tanto política como economicamente, deverão ser igualadas e livres. Na Colônia não deverão existir restrição de qualquer espécie, violência, censura ou guerra. Também não poderá haver manifestações de ciúme ou desavenças pessoais. Cada um deverá resolver a questão da melhor maneira possível. Naturalmente ao Camarada Condor, convém os “camaradas com algum dinheiro, mas também aceita aqueles que não o possuem. Quem não quiser pôr seu dinheiro na caixa coletiva, poderá empregá-lo a juros”.

Nos círculos anarquistas alemães, este projeto é recebido com grande entusiasmo, principalmente com os elogios que o camarada Dr. Giovanni Rossi dedica ao camarada Condor em Blumenau. Os camaradas alemães terão que trabalhar na lavoura ou indústria. Deverá ser instalada uma serraria, e como na região existe barro para o fabrico de porcelana, pretendem instalar uma fábrica de porcelana. Esta seria a indústria mais proveitosa, pois em todo o Brasil não existe uma fábrica de porcelana. Quem quiser também pode procurar ouro, mas sobre o proveito da atividade de garimpeiro o camarada Condor não pode dar maiores informações.

Só esperamos que um grande número de camaradas alemães se coloque a caminho para esta Colônia anarquista, que terá o nome de “Cosmos”. Logo estes senhores saberão como é viver sob rígidos princípios anarquistas, e como se vive feliz sob este regime.

Até aqui o artigo do “Leipziger Tagelbatt” que queremos complementar com algumas observações. Em especial chamar a atenção sobre os elogios demasiados do Dr. Giovanni Rossi para com a pessoa

do companheiro Condor. Principalmente porque estes elogios não recomendam muito Dr. Rossi, que como sabemos já esteve envolvido numa "desastrosa" fundação anarquista, que foi fundada por ele.

A respeito do camarada Condor, um teuto americano, que agora surge como fundador da Colônia anarquista, soubemos o seguinte: eie, alguns meses atrás, esteve preso sob suspeita de roubo do senhor Lepper, Mantenffel e outros.

Mas por falta de provas foi libertado. Também na região de Guarani é conhecido, e pessoa não bem recomendada. E por este motivo, é preciso ser bastante cuidadoso com este elemento e a fundação da Colônia anarquista".

Tradução: (Edith Sophia Eimer)

PROVISÃO DE CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO PAULO APÓSTOLO

Pe. Antônio Francisco Bohn

No 1º. Livro do Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau, encontramos o termo nº. 35a, das páginas 25 a 28, que consta de uma cópia transcrita oficial, fiel e autorizada da provisão de criação da paróquia. A Provisão é assinada pelo Exmo. Sr. Bispo Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, à cuja diocese pertencia a freguesia. A Provisão é um documento oficial, expedido pela autoridade eclesiástica de direito e refere-se ainda hoje a assuntos de foro interno, relativos a nomeações, criações, autorizações e assim por diante.

Na presente Provisão, apresentam-se as razões da criação da paróquia, direitos e deveres do pároco que a atenderá, bem como os limites geográficos e jurisdição correspondente. Trata-se, por isso, de um documento oficial e sumamente importante que se anexa à história da comunidade

católica não só de Blumenau, mas de toda uma região vastíssima do Vale. Eis, por isso, na íntegra:

"Dom Pedro Maria de Lacerda, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aos que a presente Provisão virem, saúde e bênção em Jesus Cristo, Nosso Senhor e Nosso Deus.

Fazemos saber que Nos foi apresentada cópia da Lei Provincial nº. 694, de 31 de julho de 1873, pela qual o governo da Província de Santa Catarina, na parte que lhe é relativa, sancionara o Decreto da Assembléia Provincial, pelo qual precedendo licença do Ordinário, ficará criada uma nova freguesia sob o título de São Paulo Apóstolo no distrito da Colônia Blumenau, desmembrada da Freguesia de São Pedro Apóstolo e tendo por limites os mesmos do Distrito Colonial.

Ao mesmo tempo nos foi apresentada outra cópia da Lei nº.

679 de 23 de maio de 1872 que determinará os limites Leste entre o Distrito da dita Colônia Blumenau e a Freguesia de São Pedro Apóstolo. Além disso, recebemos o ofício de 10 de janeiro de 1876 que o Exmo. Sr. Presidente da mesma Província Nos dirigiu afim de que déssemos Instituição Canônica à mencionada Paróquia que estava civilmente decretada. E como não há circunstância alguma em contrário, antes pelo oposto, achando razões mais de conveniência para a ereção de mais esta Paróquia no populoso Distrito Blumenau, resolvemos preencher a cláusula da dita Lei Provincial nº. 694 de 31 de julho de 1873 isto hei de aprovar quanto há de nossa parte e nos há relativo à criação desta nova Paróquia com o que melhor poderão ser atendidas e remediadas as necessidades espirituais cada vez crescentes dos fiéis de Blumenau entregues à Nossa solicitude pastoral, o que desde muito houveramos feito, se tivéssemos informações e cartas topográficas, como agora temos, embora ainda bem deficientes.

Portanto, invocado o nome de Deus e para honra e louvor do Bem-aventurado Apóstolo e Doutor das Gentes São Paulo, Nós tanto quanto podemos e é de Nossa parte, por Nossa Autoridade ordinária e delegada pelo Sagrado Concílio Tridentino no capítulo IV da Sessão XXI de reforma:

Havemos por bem por esta Nossa Provisão, de canonicamente separar, dividir e desmembrar da Freguesia de São Paulo Apóstolo e de quaisquer outras Freguesias e Curatos desta Nossa Diocese a Povoação de Blumenau, com sua capela de São Paulo e todos os

moradores e demais capelas e oratórios e quaisquer estabelecimentos situados dentro dos limites acima apontados e que abaixo vão por extenso declarados e por esta mesma Nossa Provisão e Autoridade já declarada canonicamente e para todos os efeitos eclesiásticos confirmamos, erigimos e instituímos em Nova Paróquia na forma quanto Nos é possível guardar, do Sagrado Concílio Tridentino a sobredita Povoação Blumenau e todo o mencionado território, e outrossim erigimos e constituímos em Igreja Matriz ou Paroquial a sobredita capela de São Paulo sita na mencionada Povoação de Blumenau.

Ao mesmo tempo, concedemos à dita Paróquia de São Paulo de Blumenau, agora canonicamente dividida, desmembrada e ereta, pleno direito e faculdade para, sem interrupção de tempo, ter sacrário em que se conserve o Augustíssimo Sacramento da Eucaristia com o devido ornato e decência e a lâmpada acesa dia e noite como também para ter Pia Batismal, Cemitério para sepultura dos Fiéis Defuntos, campanários, sinos e todos mais direitos, privilégios, honras, insígnias, e distinções de uma Igreja Paroquial. Ao Rev. Pároco respectivo caberá a cômgrua anual em conformidade com as leis em vigor, como também os guisamentos da Paróquia e o que for aplicado à sua Fábrica para dar-lhes o devido destino e participará das oblações matrimoniais e dos batismos e dos ofícios e enterros dos finados e de todos os mais direitos de estola e quaisquer benesses que legitimamente estiverem constituídos nas demais Paróquias desta Nossa Diocese. E

fique, outrossim entendido que a Nova Paróquia pertencerá à Câmara Eclesiástica de São Francisco. Esta Nossa Provisão será publicada na novamente ereta Matriz em um Domingo ou Dia Santo à estação da Missa para que chegue à noticia de todos, do que se passará certidão no verso deste. E para o todo sempre tempo constar, será esta Nossa Provisão copiada e registrada em Nossa Câmara Eclesiástica e no Livro do Tombo, que além dos demais livros paroquiais deverá haver nesta nova Paróquia e será transcrita nas demais partes, onde convier. Mandamos ao Rev. Pároco que for nomeado que envie cópia desta Nossa Provisão a todos os Reverendos Vigários e Curas das Freguesias e Curatos vizinhos, como também ao Reverendo Vigário da Vara da Comarca e Arcipreste da Província.

Dada e passada nesta Corte do Rio de Janeiro sob Nosso Sinal e Selo de Nossa Chancelaria aos oito de fevereiro de mil oitocentos e setenta e oito. Eu Cônego Dr. Pedro de Alvim Lima, a subscrevi.
Dom Pedro, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Os limites da Nova Paróquia de São Paulo de Blumenau são do lado nascente pelas divisas seguintes: 1^a. Linha divisória entre terrenos pertencentes à colônia de João Pedro Dias de Moura; 2^a. Linha divisória entre terrenos da colônia de Bento Malaquias da Silva; 3^a. Linha divisória entre Luiz Wagner e Keunecke e Brandes; 4^a. Linha divisória entre Hesbst, terrenos da colônia com Nicolau Deschamps, Pedro Wagner, Hauschl e outros. Do lado Poente, os limites com os municípios de Curitiba e Lages. Ao norte os limites com a Freguesia de Joinville. Ao sul, as vertentes dos rios Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim.

Ficam revogadas quaisquer outras disposições diocesanas em contrário. Estes limites não poderão ser alterados na parte eclesiástica sem aprovação da Autoridade Ordinária da Diocese, ainda que, na parte vicil, sejam mudados como bem aprover ao governo civil.

Palácio Episcopal, aos 8 de fevereiro de 1878.

Pom Pedro, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro". (1).

(1) Blumenau pertenceu ao bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro até que foi criada a diocese de Curitiba em 26 de maio de 1892, depois Florianópolis (1908) e finalmente Joinville a 17 de janeiro de 1927. Hoje, Blumenau teria razões suficientes para tornar-se uma nova sede de bispado com organização própria.

— Todo homem tem três personalidades: a que exhibe, a que possui e a que julga possuir. — Alphonse Karr.

Natal Folclórico

(Frei J. Crisóstomo Arns)

O velho Frei Romualdo, um dia, acendendo o cachimbo e soltando uma baforada gostosa, apontou para o Colégio distante e disse:

— Os netos de artesãos que, neste barracão, que construímos no século passado, aprenderam o artesanato, estudam hoje no Colégio Santo Antônio. Agora está tudo mudado. O artesanato do princípio do século transformouse em indústria. Os filhos e netos levaram adiante as lições aprendidas e transformaram a imagem da aldeia de então. Desativaram-se estas velhas oficinas, e os jovens padres formam hoje novas gerações. Nós, velhos sobreviventes, olhamos, com orgulho, para o Colégio, como um pedaço da história que nós começamos com mãos calosas e espírito de Fé...

O velho Frei Romualdo falava a linguagem de um século atrás, na língua dos velhos pioneiros. Tudo em alemão.

Numa das visitas que fazia ao velho barracão, perguntei-lhe:

— Frei Romualdo, desta oficina o senhor acompanhou, de perto ou de longe, o tumulto de duas guerras mundiais. Como é que foi isto?

— Todos sofremos com a guerra. Morreu tanta gente!... Enquanto isso, nós trabalhávamos caladamente. E os velhos, de Blumenau e das colônias vizinhas, nos traziam notícias de prisões e de muita barbaridade. Chegaram a proibir que falássemos a língua dos que guerreavam na Europa. Padre, não quero nem lembrar o que passou.

Foi em 1947. Poucos anos depois do término da 2ª. Guerra Mundial. Além de professor de Português e Inglês do Colégio, encarregaram-me de pastorear a vizinha cidade de Indaial, a 20 km. de Blumenau.

Os professores de Português eram, então, durante a guerra e depois, os

mestres mais respeitados. Todos os admiravam. Eram considerados, pelos filhos e netos de alemães, como símbolos de pacificação.

No entanto, nas colônias afastadas, muitos velhos, em casas construídas nos morros, nas roças, mal sabiam que a guerra terminara. Nem desciam, dos morros, por medo que seu linguajar pudesse ser motivo de perseguição policial. Não tinham direito sequer a uma instrução religiosa na única língua que sabiam. Visitei-os e as suas famílias, para dizer-lhes que a guerra acabara e que podiam descer dos morros tranqüilamente para o culto dominical.

— Mas, Padre, nós não entendemos os sermões de hoje. Os padres só falam em português, que nossos filhos já conhecem. Nós, velhos, não podemos aprender mais a linguagem dos sermões e, por isso, não vamos mais à igreja.

Depois de subir tantos morros e cansar de visitas a famílias isoladas pelo medo, passada a cruel realidade, tomei uma decisão:

— É hora de acabar a guerra, o medo da guerra, que parece não ter fim nestas paragens. Ora, estamos no Brasil da solidariedade. Chega de preconceitos, de equívocos, é hora de reunir a todos na igreja, que juntos construíram com sacrifício e amor.

Aproximava-se o Natal de 1947. No último domingo do Advento, anunciei que o sermão da meia-noite iria ser pregado em duas línguas, em português e alemão. A mocidade aplaudiu. Houve quem dissesse:

— Queremos ver como nosso professor de Português vai sair-se quando tiver que falar alemão.

De fato, eu nunca pregara nessa língua, por falta de oportunidade. Os mais velhos ficaram receosos. O pastor luterano, que estivera preso durante a guerra, achou que aquilo era temeridade. Quando vi tão contraditória atitude de meus paroquianos, pensei comigo:

— É hora de acabar com o medo; é a vez de reparar. Os velhos terão à sua vez.

Convoquei os conselheiros da igreja e pedi que instalassem os alto-falantes, para que toda a população pudesse ouvir a mensagem do Natal, proibida há tantos anos. Eu mesmo subi

mais uma vez as montanhas, visitei os velhos colonos para lhes dizer:

— Quero ver vocês todos na igreja, na missa do Natal. Desta vez, vocês vão compreender o sermão. Assim como foi antes da guerra.

Fazia anos que os sinos do Natal não haviam soado com tanto clangor festivo. Eram os sinos da paz para todos. O sermão foi curto e fácil. Interpretei apenas o anseio e as nostalgias dos velhos colonos alemães que, com suas carroças puxadas por cavalo-los briosos, dirigiam-se à Matriz. O pátio da igreja apresentava, como muitos anos atrás, uma imagem folclórica de animais e de gente que acorremam ao culto do Presépio.

Terminado o culto da meia-noite, depois que a população se recolhera, recebi a visita do pastor luterano para dizer-me:

— Padre, como foi bonito! Durante toda a missa, andei na varanda de minha casa para ouvir de novo: Stille Nacht, Heilige Nacht!... Não perdi uma palavra de sua mensagem. Foi bom que isto aconteceu.

E acrescentou uma interrogação:

— Será que o ano que vem eu posso arriscar-me a fazer a mesma coisa?

Tive que responder-lhe:

— Colega, parece que o senhor não sabe ainda que a guerra acabou faz mais de dois anos!

(Frei J. Crisóstomo Arns, OFM. De "Além e Aquém dos Horizontes", livro de memórias, págs. 82/84, ed. 1988, composto e impresso na Gráfica e Editora Litoarth Ltda., rua Prof. Manoel de Abreu, 88 — 81.000 - Curitiba - PR).

C a r t a

Etevaldo da Silva é vice-presidente da Imprensa Paranaense

Recebemos e agradecemos a carta que abaixo transcrevemos com a maior satisfação, com o seguinte texto: — "Curitiba, 08 de março de 1989. — À Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Prezados Senhores: — Apraz-nos participar que o sr. Etevaldo da Silva, que por muitos anos dirigiu com rara eficiência a nossa Filial de Blumenau e que até recentemente esteve à testa da Filial de São Paulo, foi conduzido ao cargo de "Diretor Vice-Presidente" desta companhia, passando a desenvolver as funções a ele inerentes junto à Matriz, em Curitiba. — Expressamos os nossos melhores agradecimentos pelas atenções dispensadas ao Sr. Etevaldo quando daquelas atividades, ao mesmo tempo em que contamos que con-

tinue sendo alvo das mesmas gentilezas aqui em Curitiba, onde, por igual, estará à sua disposição e se empenhará no sentido de bem corresponder à expectativa de seus amigos. Outrossim, informamos que o sr. Rodolfo Germano Labsch, assumiu a Direção da nossa Filial de Blumenau. — Cordiais Saudações. — Dieter Helmut Schrappe, Diretor-Presidente".

Ao caro amigo Etevaldo da Silva, que sempre foi um dos incentivadores de nosso trabalho à frente desta Fundação e também à revista "Blumenau em CADERNOS", os nossos votos de feliz desempenho em suas novas funções e que continue contando sempre com a nossa estima e apreço.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA